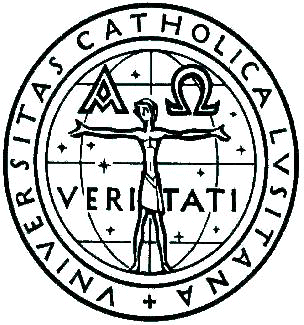
**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**

**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA *(1.º grau canónico)***

**VICENTE SACRAMENTO DE SOUSA COELHO**

**UMA AUDIÇÃO TEOLÓGICA DA LITERATURA:**

***É NOSSO O SOLO SAGRADO DA TERRA***

**De Alda Espírito Santo**

**Trabalho realizado no âmbito da disciplina**

**Estética e Teologia**

**sob orientação de:**

**Prof. Doutor Tolentino Mendonça**

|  |  |
| --- | --- |
|  | **Lísboa**  **2018** |

# Introdução

A presente investigação é realizada no âmbito da cadeira de Estética e Teologia do Mestrado Integrado em Teologia lecionado pelo professor doutor Tolentino Mendonça.

Neste trabalho, pretendemos analisar a obra e um ciclo de poemas de Alda Espírito Santo na sua obra *É NOSSO O SOLO SAGRADO DA TERRA.* Ao longo do trabalho, procuraremos explorar alguns poemas da obra, de modo a descobrir nesses o valor ~~e~~stético inerente à forma como a autora, por meio das palavras, descreve as suas inquietações que são também as inquietações dos seus conterrâneos, face à problemática de exploração, ou seja, da escravatura que decorria no seu tempo. Não obstante, elegemos esta obra de Alda Espírito Santo para o nosso trabalho, porque ela nos insere dentro do ambiente e da história e nos faz ir mais além do contexto histórico, ou seja, faz-nos ir ao lugar teológico da obra. Esta leitura teológica consiste em ler a história e descobrir quais são as inquietações que, por meio das palavras, a poeta transmite numa sabedoria de vida, numa experiência espiritual íntima e numa profunda relação com o divino e com o seu povo.

Sem mais delonga, aqui estão os pontos que vamos trabalhar: em primeiro lugar procuraremos apresentar a vida e obra da poeta; em segundo lugar, analisaremos alguns poemas da obra que selecionamos procurando enfatizar o contributo que a poeta demonstrou ao longo da era colonial; e, finalmente, debruçar-nos-emos sobre a leitura teológica da literatura, isto é, procuraremos fazer um exercício de audição teológica de modo a evidenciar os sinais de antropologia na obra.

**I-Vida e Obra**

Alda Neves da Graça do Espírito Santo, “cidadã do mundo”[[1]](#footnote-1) (em coerência exemplar com os grandes combates da sua vida), nasceu na ilha de S. Tomé, a 30 de abril de 1926. A poetisa é filha de uma família humilde, isto é, filha de uma professora primária e de um funcionário dos Correios. Fez os seus primeiros estudos em São Tomé e, em meados de 1940, emigra com a família para o norte de Portugal. Anos depois, a família muda-se para Lisboa onde a poetisa virá a iniciar os seus estudos universitários. Alda tirou o curso do Magistério Primário em Portugal e exerceu como professora, no “solo sagrado da sua terra”, isto é, em São Tomé e Príncipe.

Durante a sua vida de estudante em Lisboa, “Alda Espírito Santo conheceu alguns escritores e intelectuais que viriam a ser os futuros dirigentes dos movimentos de independência das colónias portuguesas de África, como Amílcar Cabral, Mário Pinto de Andrade, Agostinho Neto, Vasco Cabral, José Craveirinha e Noémia de Sousa.”[[2]](#footnote-2)

Por outro lado, ela fez parte da CEI (Casa dos Estudantes do Império) e de alguns movimentos emancipalistas que conduziram a independência~~s~~ das antigas colónias portuguesas e teve “funções de direção no MLSTP (Movimento para a Independência e Libertação de S. Tomé e Príncipe)”[[3]](#footnote-3). É notável a sua intervenção política na consolidação da Independência e da Democracia em S. Tomé e Príncipe. Após a independência, em 12 de julho de 1975, a poetisa exerceu alguns cargos decisivos, nomeadamente como Ministra da Educação, Ministra da Informação e Cultura Popular, entre julho de 1975 e junho de 1980. Foi também Presidente da Assembleia Nacional de S. Tomé e Príncipe e Deputada. De maio de 1996 a maio de 2000 foi presidente do Fórum das Mulheres de S. Tomé e Príncipe (FMS) e da União Nacional dos Escritores e Artistas de S. Tomé e Príncipe (UNEAS) e dirigi a revista semestral “*Batê Mom.”[[4]](#footnote-4)*

É necessário salientar que a poetisa teve ligação literária dispersa em livros, revistas e jornais São Tomenses e estrangeiros: *Mensagem*, *Imbondeiro*, *Antologia da Poesia Negra de Expressão Portuguesa*, *Estrada Larga*, *Europe \_ Revue*, *Poetas de São Tomé e Príncipe*, *Poetas e Contistas Africanos*, *Modern poetry from áfrica*, *Nova Soma de Poesia do Mundo Negro (Présense Africaine)*, *Literatura Africana de Expressão Portuguesa*, *La Poésie Africaine d´Expression Portugaise*, *Contos Portugueses do Ultramar*, *Afrkansk lyrik*, *No Reino de Caliban.*

Relativamente às obras, Alda Espírito Santo publicou as seguintes: *O Jogral das Ilhas,* redigido em S. Tomé: Edição da Autora (1976); *É nosso o solo sagrado da Terra*: Poesia de protesto e luta, Coleção Vozes das Ilhas, Lisboa: Ulmeiro, 1978; *Mensagens do solo sagrado*, S. Tomé, UNEAS, 2003; *Contos do solo sagrado*, S. Tomé: UNEAS, 2006; *Mensagens do conto do “Ossobó,”[[5]](#footnote-5)* S. Tomé: UNEAS, 2006; *Tempo universal*, S. Tomé: UNEAS, 2008; *Mataram o Rio da Minha Cidade*: estórias, São Tomé e Príncipe: Instituto Camões, Centro Cultural Português, UNEAS (2002 e 2003). Portanto, como se pode ver “Alda foi uma autoridade moral, uma firme e terna presença na vida dos seus concidadãos”[[6]](#footnote-6).

**1.1-Análise da obra**

Antes de realizarmos a análise da obra, gostaríamos de salientar que a literatura Santomense é ainda pouco representativa no contexto das literaturas africanas de língua portuguesa. Todavia, podemos dizer que “São Tomé e Príncipe tem a sua presença assegurada na história da literatura africana com escritores como Francisco da Costa Alegre e Francisco José Tenreiro”[[7]](#footnote-7).

Na obra “É Nosso o Solo Sagrado da Terra” encontramos poemas que refletem a realidade que se vivia no país, no período de luta pela independência, poemas estes que assinalam a ideia de um povo sacrificado, e que é levado a lutar contra a dominação colonial. Dito de outra forma “o solo sagrado da terra, dignificado na pátria independente, testemunha esta jornada de luta, árdua e violenta, mas incentivada por forte aurora de esperança.”[[8]](#footnote-8)

Não obstante, é preciso referir que a obra “*É Nosso o Solo Sagrado da Terra* foi publicada em 1978, sendo uma coletânea de poemas feitos na década de 50, 60 e 70. Esta obra é uma “contribuição da identidade sociopolítica e cultural do país insular na encruzilhada das rotas atlânticas, ao processo imparável da humanidade no sentido de romper as contradições que situam os povos no combate sem tréguas para se situarem no mesmo lado da canoa.”[[9]](#footnote-9)

Existe nesta obra uma forma disfarçada de denúncia contra o colonialismo e contra a cultura do cacau-escravo. E ela também começa “significativamente, com o hino nacional “Independência total”, no qual a voz do povo presente, em conjunto vibra rijo no coro da esperança, perpetuando o legado da poetisa nas vozes das crianças, mulheres e homens das nossas ilhas.”[[10]](#footnote-10)

Portanto, esta obra, evidencia um profundo comprometimento da poetisa com a vida, com as lutas do seu povo, com a mãe África, e sobretudo com a humanidade. Até aqui podemos compreender que o contributo da poetisa é mostrar a poesia como uma arte de cura, ou seja, como uma terapia onde se convive e se confronta a dor, a mágoa e a nostalgia, e com a esperança de ver o raiar da liberdade.

**II-Análise dos Poemas**

Na primeira estrofe do poema “*Humanidade”[[11]](#footnote-11)*, parece-nos que há uma grande preocupação do eu-lírico com a humanidade. É uma preocupação que traz consigo um desejo muito grande, o de conversão dos homens de todos os tempos e de todos os lugares. No nosso entendimento, parece que o eu-lírico deseja uma conversão à altura de verdadeiro homem, ou seja, parece-nos que o sujeito poético exorta os homens a uma mudança concreta, mas também diríamos que esta exortação é feita de uma forma implícita. É fundamental entendermos a preocupação do eu-lírico com a humanidade. Observemos uma estrofe do poema:

Quando o homem de todos os planetas

For capaz de se revelar

À altura do outro ser humano

Nas estrofes, (2,3, 4 e 5) o sujeito poético reforça a exortação nestas palavras:

No ciclo da existência

E compreender,

Compreender

Que todos os seres vivos

São iguais

No nascimento na morte

E nas estruturas físicas

Que compõem a humanidade

Nesse dia, será uma festa eterna

Que o sol

Rodará finalmente

À volta de todos os continentes.

Compreender será então:

Dar vida real

A todos os seres dos planetas viventes

Planetas chamo eu

Às esferas humanas

Sem corredores estanques

No fundo, o poema mostra-nos profundamente alguém que deseja harmonia, ordem, verdade, justiça, bem comum entre todos os seres humanos. Também, neste poema há um desejo de amor universal, de amor fraternal e sobre tudo há um desejo de plena liberdade. Portanto, o eu-lírico chama-nos ao “*eu profundo*, onde reside a consciência, a liberdade e a capacidade de abertura ao amor, aquela realidade humana a que a Sagra Escritura chama o *coração*. O lugar de harmonia e paz.”[[12]](#footnote-12)

No poema “*Lá No Água Grande,”[[13]](#footnote-13)* o sujeito poético tenta denunciar o trabalho das mulheres, no ato de lavar a roupa. O eu-lírico exprime traços sensíveis que faziam e que fazem parte do cotidiano das mulheres santomenses. Mas por outro lado, o poema revela o passado histórico colonial do trabalho das mulheres, que não tinham a possibilidade de reivindicar os seus direitos. Neste poema, o sujeito poético realça o desejo de manter uma ligação próxima com as mulheres de sua terra e também instiga as mulheres a unirem-se na luta pela libertação nacional. No entanto, contemplemos o poema:

Lá no Água Grande a caminho da roça

negritas batem que batem co’a roupa na pedra

batem e cantam modinhas da terra.

Cantam e riem em riso de mofa

Histórias contadas, arrastadas pelo vento.

Riem alto de rijo, com a roupa na pedra

e põem de branco a roupa lavada.

As crianças brincam e água canta.

Brincam na água felizes…

Velam no capim um negrito pequenino.

E os gemidos cantados das negritas lá no rio

ficam mudos lá na hora do regresso…

jazem quedos no regresso para a roça.

No poema que acabámos de expor acima, existe um amor patriótico de eu-lírico com as suas conterrâneas, ou seja, ao longo do poema, é possível constatar essa proximidade do eu-lírico com o povo da sua terra, sobretudo as mulheres e crianças. O poema para além de denunciar o trabalho das mulheres, também exprime nos seus versos sentimentos como: alegria, sorriso, dor, angústia, sonho, esperança. Não obstante, é preciso salientar que até as crianças encontram um lugar nessa poesia, que é antes uma forma de afeto e carinho com aqueles que mais sofriam com os males do trabalho forçado e também uma forma de denúncia da exploração das crianças.

Na primeira e segunda estrofe do poema “*Direito à Vida*”[[14]](#footnote-14), o eu-lírico denuncia o colonialismo esclavagista e o ciclo do cacau-escravo e apela à construção de um mundo mais justo e mais livre, apela à construção de uma humanidade mais humana. Ao longo do poema o sujeito poético dá muita ênfase à vida, porque o direito a vida tem uma supremacia face aos demais direitos civis, na medida em que todo e qualquer direito civil se apoia no reconhecimento do primeiro direito fundamental, o direito à vida, que não se encontra subordinado a nenhuma condição, seja ela ideológica, política, económica ou social.

No entanto, o eu-lírico chama a atenção para preservação e a promoção da vida humana, ou seja, apela ao respeito para com a sacralidade da vida humana. Então observemos a primeira e a segunda estrofe, que dá ênfase à vida e denuncia ao mesmo tempo o regime feudal.

DIREITO À VIDA

Homem, mensagem da vida

Homem negro, marginal nas páginas da história do Mundo

A verdade é cruzado votado à margem

Cada homem que se afirma

É homem lançado ao mar…

Na história do nosso povo

Narrada dia após dia

Há dramas de vida humana

Escritas da cor do tempo

Todos os dias, a toda a hora

Matraqueando, matraqueando se faz História

A máquina da repressão, batendo lenta, batendo forte

Dentro de nós, à nossa volta

A máscara contínua do paternalismo

Cerrando forte as nossas bocas

Nos slogans contínuos da eterna amizade

Vão adulterando, macaqueando as faces dos homens.

No nosso continente disperso, dividido e enfeudado

Muitos de nós, já caminham ao longo do carnaval da vida

Na procissão fantasma desta hora

Sentindo embora o vulcão queimando os pés.

Prosseguindo com a nossa análise, damos conta que estas duas estrofes para além de realçarem o direito à vida exprimem também o silêncio, a agonia, o desespero, a insegurança, daqueles homens que não se podiam afirmar perante os colonos.

Na terceira e quarta estrofe, encontramos um ideal permanente do eu-lírico que é a busca de uma verdadeira comunidade onde haja justiça, liberdade e respeito com a dignidade humana. O sujeito poético é de certo modo inquietador, porque não nos deixa tranquilos, adverte-nos ininterruptamente quanto às terríveis exigências da justiça, do amor, da fraternidade e por outro apela-nos à tomada de consciência do valor central de cada homem e mulher deste mundo, ou seja, apela-nos a reconhecer a dignidade humana de cada um em particular seja ele rico ou pobre. Se olharmos este poema com um olhar profundo damos conta que o eu-lírico está preocupado com o futuro não só do seu povo como também da humanidade.

Observemos estas duas estrofes:

Caim e Abel de cada lado

Até quando?

Quando haverá no planeta dos homens um só sistema?...

Nossas mãos lassas estendidas,

Buscam à deriva,

A hora integral dos luares humanos

Para todos, para cada um de nós.

Nossa África em chamas

Anseia a paz, a harmonia o direito à vida.

E nós não estamos a pedir de mais…

Caminhar direito nos carris das linhas tortuosas

Das veredas à beira dos nossos caminhos

É uma dura batalha

Diária, inevitável nas praias do continente sem dimensões

Portanto, estes poemas são mediações em que o eu-lírico procura alcançar finalidades como: a paz, a harmonia, o bem-comum, a dignidade humana, a unidade verdadeira, a justiça, a fraternidade, a liberdade. Dito de outra forma, podemos dizer que eu-lírico vai buscar as coisas do cotidiano, ou seja, o seu poema está colado ao cotidiano. É por isso que o seu poema nos humaniza, porque não mostra a aparência das coisas, mas sim, o concreto, o factual, o verídico de cada realidade vivida pelos seus conterrâneos.

**2.1- Semelhança entre um poema de Alda e um texto do Êxodo**

**Êxodo 6: 5-8**

5-Agora, que ouvi as queixas dos filhos de Israel, que os egípcios têm escravizado, não me esqueci da minha aliança. 6- Portanto, diz aos filhos de Israel que eu, o Senhor, vou salvar-vos dos trabalhos forçados que vos são impostos pelos egípcios, vou livrar-vos da escravidão, vou salvar-vos com o meu imenso poder, fazendo justiça com toda a clareza.7-Farei de vocês o meu povo e eu serei o vosso Deus. Assim, saberão que eu sou o Senhor, vosso Deus, que vos livrará da opressão dos egípcios.8-Levar-vos-ei ao país que prometi a Abrão, Isaac e Jacob e dar-vos-ei essa terra para ser vossa. Eu sou o senhor.

**HERÓI NACIONAL**

Herói não é um homem isolado

Herói é um povo em marcha pela liberdade

A força do herói é a determinação do povo decidido

Saibamos povo irmão

Seguir a trajetória do militante

Tombado na hora da repressão

Pela vitória da liberdade

Seis de Setembro não é um dia de tristeza

É o triunfo da luta do povo

Os heróis do povo exigem a continuação

da luta pela reconstrução nacional

A independência é a gloria dos heróis

No sacrifício diário do homem vigilante

Unido a setenta mil, massa do povo

Olvidando o eu zero à esquerda isolado

Pela ambição pessoal.

Povo de S. Tomé e Príncipe

Esta data nacional

É o juramento do povo

Respeitando o sangue dos mártires

Palmilhando o trilho da liberdade,

Pela Republica Democrática de S. Tomé e Príncipe

Verdadeiramente livre e independente.

Nestes dois textos que acima expusemos procuramos antes de mais, encontrar uma semelhança entre eles. Ao longo, da nossa análise verificamos que há um padrão harmónico quer no livro do êxodo quer no poema de Alda Espírito Santo. Este padrão reflete no surpreendente processo de produção textual. Tudo isto, para dizer que o livro do êxodo e poema revelam a preocupação quer de Deus e quer da poetisa em querer construir a identidade do povo. No livro do êxodo encontramos um Deus que querer construir a identidade do povo de Israel e o mesmo também se verifica na poesia de Alda Espírito Santo, isto é, vemos uma poeta que querer construir a identidade do povo de São Tomé e Príncipe. A história do êxodo é muito instrutiva e construtiva a este respeito da identidade.

Ora, o êxodo é marcado pelo acontecimento da libertação política, social, a nível do povo, ou seja, no êxodo 6: 5-8, encontramos um Deus que constantemente luta pela liberdade do seu povo. Dito de outra forma, vemos um Deus que está empenhado neste processo de libertação do povo de Israel. Para além deste relato da construção da identidade, da comunidade, temos um Deus que condena a opressão, a escravatura, a injustiça, a exploração dos mais fracos. Efetivamente, tudo isso é visível no poema de Alda. A poetisa compromete com a libertação do seu povo, por isso que no cerne do poema a finalidade é denunciar a escravidão, a opressão.

**III-Audição teológica da Literatura**

Depois de termos analisados os poemas, verificamos que o grande pendor teológico da obra *É nosso o solo sagrado da terra* é esta leitura histórica do poema que se encaminha para uma plenitude que é a da dignidade humana. Estes poemas de Alda Espírito Santo procuram contextualizar a vida do homem negro, particularmente do povo santomense durante a era esclavagista. O eu-lírico tem sempre a finalidade de unir a humanidade com as suas palavras. Diante disto, podíamos classificar o sujeito poético como místico, na medida em que os seus poemas permanentemente apelam a um pedido de socorro. Dito de outro modo, devido à sua capacidade de ouvir os clamores mais profundos da vida humana e sobretudo, o clamor da história do seu povo.

Por outro lado, os poemas da *mulher do mundo* permitem-nos ver a presença de Deus na história do povo santomense. Afirmamos isto, porque no meio do massacre, da guerrilha, da dor, da angústia e do sangue, existia uma esperança no coração daqueles homens e mulheres. Se nos permitem dizer, a teologia é também fazer memória, isto para dizer que a poetisa nos seus poemas faz uma espécie de memória do tempo vivido e, por meio das palavras e dos símbolos, suscita nos seus conterrâneos a luta pela liberdade que se há de concluir com a independência.

Portanto, na obra em estudo, *são* centrais as memórias de tempos idos, memórias indeléveis de sofrimento, memórias de um constante caminhar pela justiça, pela liberdade. Memórias arquivadas com amor no sentir da poetisa que, procura condensar em si o humano, dando vida ao tempo, aos objetos, às memórias do que se viveu e a perspetivação do futuro. Por meio da poesia de Alda torna-se possível acompanhar e experienciar a vida e a luta pela liberdade humana dos são-tomenses daquele tempo porque todo o seu poema está colado ao cotidiano, ao verídico e é por isso que os seus poemas mexem e movem vários corações.

**Conclusão**

Concluímos este trabalho afirmando que, foi muito útil ter explorado este tema, visto que nos ajudou a olhar para a poesia com um sentido mais profundo. Ao longo do poema de Alda Espírito Santo constatamos que a poesia é libertação, luz e teologia. A poesia é teologia e a teologia é poesia porque Deus por meio dos profetas, fala em alegorias, imagens, símbolos, silêncio. Como dizia Baltasar, existe uma teologia dos poetas, também eles falam do transcendente. Tudo isso para afirmar que a poetisa com a sua obra se compromete com a vida humana, com as lutas do seu povo, com a mama África e sobretudo com a humanidade. O sujeito poético é inquietador, porque com os seus poemas denuncia os males da sociedade, põe-nos num desassossego, adverte-nos ininterruptamente quanto a terríveis exigências da justiça, do amor, da fraternidade e por outro lado apela-nos a tomada de consciência do valor central de cada homem e mulher deste mundo, ou seja, apela-nos a reconhecer a dignidade humana de cada um em particular, seja ele rico ou pobre.

Portanto, a poetisa nos seus poemas demostra um amor de inspiração nacionalista, de exaltação de valores patrióticos, como a liberdade, a justiça, a independência do *nosso solo sagrado da terra* (o emprego frequente do determinativo de posse, se uma ou outra vez é singular, de imediato passa a plural, à força do nós, irmanando o sentir da poeta ao sentir dos seus irmãos). Podemos afirmar que no poema de Alda está presente a antropologia, na medida em que todo o seu poema exprime o cotidiano de cada homem e mulher. Ela dá muito valor à vida humana, à liberdade, à harmonia entre os homens. Terminamos com uma estrofe do poema *humanidade* porque é tempo de, com ela dizermos: Quando o homem de todos os planetas

For capaz de se revelar

À altura de outro ser humano.

**Bibliografia**

**Fontes**

Espírito SANTO, A, *É nosso o solo sagrado da Terra*: Poesia de protesto e luta, Coleção canto de ossobó, São Tomé e Príncipe, Póstuma,2010.

**Estudos**

MATA, I, ***Emergência e existência de uma literatura: o caso santomense***. Edições ALAC, 1993.

ALÓS, Anselmo Peres, *Versos Pós-coloniais: Manifestações poéticas em São Tomé e Príncipe*, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil, 2012.

**Webgrafia**

ALDA DO ESPÍRITO SANTO\_ *Poeta no meio do mundo* [acedido eletronicamente em 26/01/2017 no site: <http://www.elfikurten.com.br/2015/07/alda-espirito-santo.html>].

BIOGRAFIA DE ALDA ESPÍRITO SANTO [acedido eletronicamente em 26/01/2017 no site: <http://www.lusofoniapoetica.com/artigos/sao-tome-principe/alda-espirito-santo/biografia-alda-espirito-santo.html>].

**Livro**

Rocha e Melo. L, *Se tu soubesses O dom de Deus,* Ensaio Sobre Oração, 2 edição*,* Braga, Editorial A.O,2000.

1. Espírito SANTO, A., *É nosso o solo sagrado da Terra*: Poesia de protesto e luta, Coleção canto de ossobó, São Tomé e Príncipe, Póstuma,2010, p 38. [↑](#footnote-ref-1)
2. Ibidem, p38. [↑](#footnote-ref-2)
3. Ibidem, p19. [↑](#footnote-ref-3)
4. *Batê Mom* é uma expressão do crioulo Santomense que quer dizer «Bate mão». A expressão na sua etinologia remete para a analogia de união. Por outras palavras, «*Batê Mom*» significa esforçar-se, ou seja, essa expressão é usada muitas vezes quando se quer enfatizar a ideia de empenho e conquista. [↑](#footnote-ref-4)
5. *Ossobó,* é um pássaro dos bosques de cores garridas que anuncia as grandes chuvas*.* [↑](#footnote-ref-5)
6. Espírito SANTO, A., *É nosso o solo sagrado da Terra*: Poesia de protesto e luta, Coleção canto de ossobó, São Tomé e Príncipe, Póstuma,2010, p35. [↑](#footnote-ref-6)
7. Francisco José Tenreiro, nascido em São Tomé, em 1921, autor de Ilha de nome santo (1942), é considerado um dos marcos da poesia santomense e das literaturas africanas de língua portuguesa. Muitos críticos apontam tenreiro como o primeiro poeta a imprimir a negritude na poesia africana de língua portuguesa, inspirando-se nos poetas americanos Langston Hughes e Counteen Cullen e em Nicolas Guillén. Na obra de Tenreiro, o ideário da negritude motiva uma produção poética mais voltada para as realidades da vida do homem africano, esteja ele no continente ou perambulando pela Europa com o “coração em África” [↑](#footnote-ref-7)
8. Espírito SANTO, A, *É nosso o solo sagrado da Terra*: Poesia de protesto e luta, Coleção canto de ossobó, São Tomé e Príncipe, Póstuma,2010, p22. [↑](#footnote-ref-8)
9. Ibidem, p39. [↑](#footnote-ref-9)
10. Ibidem, p 36. [↑](#footnote-ref-10)
11. Ibidem, p 58. [↑](#footnote-ref-11)
12. Rocha e Melo. L, *Se tu soubesses O dom de Deus,* Ensaio Sobre Oração, 2 edição*,* Braga, Editorial A.O,2000, p 115. [↑](#footnote-ref-12)
13. Espírito SANTO, A, *É nosso o solo sagrado da Terra*: Poesia de protesto e luta, Coleção canto de ossobó, São Tomé e Príncipe, Póstuma,2010, p 52. [↑](#footnote-ref-13)
14. Ibidem, p 103. [↑](#footnote-ref-14)